



PRADO MINEIRO: DO TURFE AO FUTEBOL – A FORJA DE UM ESPAÇO DE DIVERTIMENTO ESPORTIVO (1904-1920)

Georgino Jorge Souza Neto
Sarah Teixeira Soutto Mayor

RESUMO

Este estudo teve por interesse analisar a construção do primeiro estádio de Belo Horizonte, o Prado Mineiro. A metodologia utilizada centrou-se em fontes periódicas, notadamente os jornais impressos à época, que reverberavam o cotidiano da capital mineira. Foi possível constatar a ocorrência de um movimento característico, qual seja, a tentativa de implantação de uma mentalidade atendida aos ares da modernidade. Uma das estratégias para consecução de tal projeto passou pelo discurso e pela prática do esporte, como uma nova possibilidade de ser e estar na cidade. Neste sentido, a ocorrência do turfe atrai, na sua órbita, uma série de mudanças espaciais. A principal delas seria a construção de um hipódromo condizente com os padrões europeus e da Capital Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Diversão; Esporte; Espaço.

APONTAMENTOS INICIAIS

Tencionamos neste trabalho a elaboração de uma investigação histórica sobre o primeiro estádio da cidade de Belo Horizonte, denominado Prado Mineiro. Neste sentido, vale destacar os sentidos e interesses que possibilitaram o surgimento de tal empreendimento. Pensada como uma capital que pudesse atender às demandas de uma sociedade dita “moderna”, Belo Horizonte logo se vê como um espaço receptor de experiências em sintonia com um novo modo de vida. A construção do Parque Municipal, bem como o surgimento de cafés e cinemas são emblemas significativos de um comportamento social distinto daquele atrelado ao conservadorismo tradicionalista, tão arraigado ao estereótipo da “Minas da terra”, agrícola, familística e ordeira, como observa Carvalho (2005).

O esporte e o lazer não ficariam de fora deste processo. Desde seus primeiros anos, Belo Horizonte dialoga com práticas ligadas a estes campos. No contexto específico do esporte, o turfe, o ciclismo e o futebol deram centralidade às primeiras vivências abrigadas pela nova capital mineira. É neste cenário que a necessidade de uma estrutura adequada para o desenvolvimento de uma “sociedade esportiva” surge. Espaços apropriados se tornam uma demanda imprescindível para a forja desta original conjuntura.

O Prado Mineiro se tornaria a primeira construção erguida na geografia belo-horizontina com a configuração de “estádio”. Primeiramente construído para abrigar as



elegantes e concorridas corridas de cavalos, em incentivo à prática esportiva do turfe, o Prado sucumbiria à força de penetração e ao crescente apelo popular que o futebol ganharia em início dos anos 1910 na cidade.

PERCURSOS E FONTES

A pesquisa se desenvolve, especialmente, por meio da seleção e análise de periódicos – jornais e revistas – que circularam na capital mineira entre os anos de 1904 e 1920. O recorte temporal foi estabelecido a partir das primeiras tratativas para a construção do Prado, até o momento em que este torna-se obsoleto para o movimento esportivo da cidade.

Os impressos pesquisados estão alocados na Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, situada em Belo Horizonte; no sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; no Museu Histórico Abílio Barreto, situado à mesma cidade; e na Coleção Linhares, atualmente sob a guarda da Universidade Federal de Minas Gerais. Esta última comporta um rico acervo com mais de oitocentos títulos de jornais e revistas mineiras, acumulados por Joaquim Nabuco Linhares, um cidadão que se dedicou à coleta e guarda de variados impressos, entre o final do século XIX e meados do século XX.

A CONSTRUÇÃO DE UMA CONSTRUÇÃO: UMA ARQUIBANCADA PARA O ESPORTE BELO-HORIZONTINO

O periódico *Folha Pequena* destaca, no ano de 1904, a importância que a construção do Prado teria para a sociedade de Belo-Horizonte (ou parte destacada dela). A nota traz uma descrição entusiasmada do jornalista, que aponta:

Vimos hoje a planta do pavilhão e archibancadas que a directoria do Prado Mineiro, desta capital, adoptou e vae mandar construir brevemente. O pavilhão central, destinado aos sócios, é de forma elegante com altura sufficiente a dominar toda a área do prado, e as archibancadas para os espectadores, extensas e confortáveis, estão dispostas aos lados no mesmo nível, tendo o pavimento térreo, á direita os compartimentos da pezagem e venda de poules e á esquerda acomodações especiais para botequins etc. O pavilhão tem uma vistosa cúpula, onde tremula o estandarte da associação, e toda a cobertura das archibancadas é tornada de lambrequins e arabescos de muito gosto, dando a todo o edificio o aspecto sportivo dos grandes prados europeus. (FOLHA PEQUENA, 1904, p.1)



A cultura europeizada demarcava uma distinção, que a nova ordem da República entendia como parte fundamental de uma transição e de uma mudança necessária aos olhos daqueles que se colocavam à frente de tal projeto de socialização. A construção do Prado Mineiro atendia a uma lógica adequada aos novos tempos. Baseada em uma arquitetura europeia, o pavilhão se tornava o emblemático espaço de encontro e convergência de uma cidade que deveria se tornar cada vez mais pública. Os esportes e os divertimentos ao ar livre se tornavam as principais ferramentas para a consecução afirmativa desta intenção.

A ideia de se construir um espaço próprio para abrigar as corridas de cavalo nasce junto com a pretensa cidade moderna. A Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) já previa a reserva de um terreno para a prática do turfe. A pesquisadora Marilita Rodrigues (2006, p. 124) descreve que:

Com um local específico reservado pela CCNC na planta da cidade para a construção de um hipódromo na esplanada, que ficava entre o bairro do Barro Preto e o subúrbio do Calafate, logo após a inauguração da capital, algumas pessoas que buscavam promover negócios e divertimentos cogitaram de fundar na cidade um clube de corridas.

Dentre as primeiras tentativas para concretizar o projeto do Prado destaca-se a iniciativa do coronel João Alfredo de Athayde, que havia principiado tratativas, já no ano de 1902, com o então prefeito Bernardo Monteiro. Em uma carta endereçada ao prefeito, Athayde faz saber do seu intuito, de construir um hipódromo, com capacidade para quatro mil pessoas, no mesmo local previamente destinado pela CCNC e, adotando como modelo, qualquer um existente no Rio de Janeiro, então Capital Federal.

Bernardo Monteiro, então, firma parceria com o coronel João Alfredo Athayde, e no Relatório Anual da Prefeitura expõe os termos e dá publicidade ao ato. O texto do relatório esclarece:

A 7 de maio do corrente anno, firmei com o sr. coronel João Alfredo de Athayde ou companhia que organizar, contracto para construcção, uso e gozo de um prado de corridas no lugar designado na planta geral da cidade, approvada pelo decreto n.817 de 15 de abril de 1895. O prado terá capacidade para mais de 5000 pessoas, modelado pelo que houver de melhor. O contractante obrigou-se a iniciar as obras dentro de 8 meses e a conclui-las definitivamente dentro de um anno [...]. A Prefeitura consedeu-lhe isenção de impostos pelo prazo de 5 annos, obrigou-se ainda a fornecer-lhe água potável necessária e a estender até o local do prado a linha de bonds actualmente em construcção, de modo a funcionar tudo por ocasião da inauguração do

hippodromo. No caso de não lhe ser possível a construção deste trecho de bonds, dar-lhe-á a Prefeitura o privilégio por 15 annos, para uso e gozo de uma linha de bonds por tracção animal, partindo do ponto mais conveniente da viação urbana até o referido local, sendo distribuída neste caso á Prefeitura 3% da renda líquida do tráfego, verificada semestralmente, podendo ser encampada a dita linha a todo o tempo, pelo preço do orçamento, que será feito e approved pela Prefeitura. O terreno tem 19 hectares. Com verdadeiro contentamento, vi organizar-se prontamente nesta cidade uma sociedade anonyma para execução d'este utilíssimo empreendimento [...] (PREFEITURA MUNICIPAL, 1902, pp.55-56).

O ato político reverbera socialmente. A ideia da construção do Prado Mineiro revolve os ânimos da população belo-horizontina, que via no espaço uma possibilidade de diversão (ainda que distintiva), em uma cidade recorrentemente criticada pela falta de locais e hábitos de divertimento, via de regra sendo chamada, jocosamente, de “tediópolis”. O periódico *Diário de Minas* anunciava, com destacada ênfase, a assinatura do prefeito com o coronel João Francisco Athayde, em sua primeira página, reservando duas notas que ocupavam grande parte das principais notícias. Em uma delas, intitulada *Turf Mineiro*, o texto anuncia:

Foi lavrado hontem entre a Prefeitura e o sr. coronel João Athayde contrato para a construção de um prado de corridas nesta cidade, no local demarcado pela extincta comissão constructora para hippodromo da Capital, na esplanada que fica entre o actual bairro do Barro Preto e o suburbio do Calafate. [...].O plano do prado, incluindo perfil da raia e desenho das archibancadas foi confiado a um competente engenheiro da Capital Federal, que à technica de professional reune habilidade delicada de fino e entendido *sportman*. O desenvolvimento da pista será, parece-nos, identico ao do Derby-Club do Rio, com 1870 metros de extensão. As archibancadas serão construídas para quatro mil pessoas, tendo além dos pavilhões para socios e para o publico um pavilhão central para a directoria e autoridades superiores do Estado, quando convidadas. O sr. coronel Athayde planeja a organização de uma sociedade anonyma para a construção e manutenção do prado horizontal, ideia que tem encontrado franco entusiastico apoio em nossa melhor sociedade [...]. Com a construcção do prado da cidade coincidirá a installação provável de coudelarias de animaes de raça, além dos parceiros de sangue que, consta, virão do Rio disputar aqui os primeiros prêmios. A fundação do turf em Bello Horizonte é um acontecimento cujo valor não precisamos encarecer. Damos por ele, parabéns à cidade (DIÁRIO DE MINAS, 1902, p.1).

O jornal ainda traz, em sua primeira página, na seção *Echo* (que notadamente repercute acontecimentos de cunho social), outro texto, apoiado sobre a necessidade de



espaços de divertimentos públicos para dar vida e ânimo à cidade. Assim, destaca o periódico que:

Uma boa notícia, tanto mais sensível quanto veio de surpresa: a promessa de um *turf* na Capital [...]. Também o coronel Athayde [...] não podia estar tanto tempo em Belo Horizonte sem dar signal de si. O seu espirito vivace, educado na bella e movimentada vida carioca, havia de forçosamente desdobrar-se em iniciativas felizes [...]. E veio o *Derby*, como viera ha tempos a tentativa de um café-concerto, que morreu de frio ao nascer. Daqui a alguns meses (como é bom sonhar cousas belas!) a cidade, vigorosamente modificada pelo *bond*, pela gente nova que virá de toda parte com as repartições, com as fabricas, com as fardas do 28^o, pelos novos edifficios construídos nas ruas onde o carril electrico levara alma e seiva – terá nos dias festivos a feição distincta que o *sport* imprime aos bairros, aos dias e às cidades em que impera; a avenida Paraopeba, rasgada largamente até o prado de corridas, dará passagem aos carros descobertos e aos cavaleiros galhardos, à representação da *urbs* a caminho do *Derby*. Rutilarão ao sol as garridas *toilettes* das damas, os para-sóes de seda multicores, de tintas álacres, as joias finas e polidas; e os bonds circularão cheios do rapazio bohemio e do povo domingueiro [...]. E à tarde, tumultuantes a archibancada e a *pelouse*, vibrarão entusiasticamente a multidão quando no outro extremo da raia, destacando o contorno vivo das camisetas variegadas no fundo verde sombrio da collina, avançarem vigorosamente os contendores, lutando sempre, disputando a palmo o terreno, até decidirem, já na curva ultima, o pareo emocionante no victorioso *rush* final. Belo Horizonte carece de emoções e é isto que trará o *Derby*... Vibrar, viver! (*Idem*).

Abílio Barreto (notório memorialista local) aponta que em 17 de maio daquele ano, o coronel Athayde já havia subscrito quantia superior a 50 contos para a construção do Prado e que a sua respectiva planta, ficaria exposta na casa comercial do senhor Narciso Coelho, a partir de 10 de junho de 1902. A partir daí, segundo Barreto, constituiu-se a *Companhia Anonyma Derby Mineiro* (BARRETO, sd., p.3).

Com as obras de nivelamento do terreno previstas para o final do mês de maio, projetava-se o início das obras de construção para 1^o de julho e a sua conclusão para o final de setembro¹, porém, mesmo com todas essas ações e projeções, a iniciativa acabou não se concretizando, pois em 9 de dezembro de 1904 foi decretada a caducidade do contrato por falta de cumprimento de cláusula nele prevista.

¹ DERBY Horizontino, 1902, p. 1.



Ainda em 1904 (antes mesmo de decretada a caducidade do projeto), outro grupo se formaria para levar adiante a consecução do soerguimento do Prado. Segundo o periódico *A Epocha*:

Um grupo de cavalheiros da nossa melhor sociedade pretende fundar nesta capital uma sociedade sportiva para corridas de cavallos, a qual já conta com os melhores elementos. Não terá ella ligação alguma com as associações recreativas aqui existentes. Será organizada em bases completamente novas, de maneira a offerecer inteira garantia aos associados. A julgar pelo entusiasmo que tem despertado a idéa, dentro em breve se converterá em realidade, dotando-se a nossa capital com mais esse gênero de diversão interessante e proveitoso (*A EPOCHA*, 1904, p.3).

Os Estatutos da *Sociedade Anonyma Prado Mineiro*, publicados no jornal oficial do Estado (Minas Geraes) de 24/25 de outubro de 1904, esclareciam que a sociedade tinha, como objetivo, “por meio de corridas, exposições de outros divertimentos e meios de seu alcance, promover o desenvolvimento da raça cavallar neste estado” (MINAS GERAES, 1904, p.6) No entanto, a liberação pela Prefeitura foi dada somente em 5 de janeiro do ano seguinte, com a assinatura de um contrato, nos mesmos termos do realizado com o grupo do coronel Athayde, em 10 de janeiro de 1905.²

Após tratativas e negociações, a construção do Prado foi iniciada no começo do ano de 1906 e o levantamento da cumieira das arquibancadas foi marcado por um evento festivo que mereceu destaque nos jornais da capital:

No dia 6 foi levantada a cumieira do pavilhão que se acha quase concluído faltando as archibancadas. Hasteado o pavilhão nacional foi levantada ao estourar de foguetes, servido um copo de cerveja e doces. Orou o Dr. Agostinho Penido, respondendo o coronel Lopes de Figueiredo que falou das dificuldades com que a sociedade tem luctado para levar avante a grandiosa idéia [...]. O local é agradabilissimo e de lá descortina-se parte da cidade. [...] A directoria espera concluir o Prado até junho próximo (*O ESTADO DE MINAS*, 1906, p.2).

Contudo, essa nova etapa da construção do Prado não se dá de maneira passiva. É possível captar, numa cronologia dos periódicos da época, toda uma tensão por detrás da intenção. No *Estado de Minas*, publicado no dia 07 de janeiro de 1906, uma nota faz

² Termos de contrato feito entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a Sociedade Anonyma “Prado Mineiro”, para construção, uso e gozo de um prado de corridas nesta capital. 10 jan.1905. Assinaram o contrato o coronel Francisco Bressane de Azevedo, prefeito; coronel Manoel Lopes de Figueiredo, presidente da Sociedade Anonyma Prado Mineiro; Antônio Prado Lopes Pereira e Olympio Moreira. (BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Termo de contrato... 1905.)



referência à edificação do dito espaço. No texto, percebe-se claramente um tom de cobranças, aliado a um tácito apoio ao projeto. Tal episódio foi assim noticiado:

Como se sabe, trata-se de construir no Calafate um prado de corridas, organizando-se para isso uma companhia e tendo a prefeitura assumido a responsabilidade da construção de uma linha de bondes para esse bairro afastado. Os serviços do prado foram iniciados e ficou contractada com os Srs. Garcia de Paiva & Comp. a construção de archibancadas etc. pela quantia de réis 11:000\$ [...]. Até ahi as cousas vão muito bem [...]. Mas até hoje nada se fez e nada se fará, ao que parece, para o serviço da linha de bondes, porque a *politica* se meteu nesse melhoramento. O Sr. Dr. Antonio Carlos, como Prefeito, quis fazer um accordo com o presidente da companhia do prado, pagando a Prefeitura as despesas feitas no prado, afim de não ser obrigada a construir a linha de bondes. O obstaculo que houve nisso foi o contracto da construcção de archibancadas, que já estão promptas e cujo valor a Prefeitura não quiz indenizar. Ultimamente, porém, o Sr. Dr. Antonio Carlos já combinou pôr agua no prado em vez de construir, à custa da Prefeitura, a linha de bondes, sem a qual nada valerá o prado, e nem poderá progredir o Calafate. Está chamada a concurrencia para a construcção da caixa d'agua e o serviço da linha de bondes não se fará [...] (ESTADO DE MINAS, 1906, p.2).

Mas não era apenas o *Estado de Minas* que se colocava no papel de opositor, criticando o processo de construção do Prado (destacadamente a falta da linha de bondes para o deslocamento das pessoas). Assomava-se ao periódico outros jornais, que ajudavam a fazer o coro de descontentamento. Como exemplo, no periódico *O Rebate*, tem-se a seguinte nota:

O prado já se fez. No entanto queremos ver se o público chuchador de impostos para goso da malandragem governamental, poderá ir, a pé, até aquelas paragens sem uma linha de *bonds*. O melhoramento é altamente necessário. Que não continue pois, a fazer ouvidos de mercador o Dr. Antônio Carlos e atenda o pedido da imprensa que não vive alugada (O REBATE, 1906, p.1).

As críticas não impediram que o Prado fosse inaugurado, com grande impacto no cotidiano da cidade. No dia 3 de maio de 1906 a obra foi concluída e entregue à diretoria do Prado pelos seus construtores (Garcia de Paiva & Comp.). Obviamente este acontecimento não passaria sem o destaque da imprensa (oposicionistas ou não), que movimentava em suas páginas a implantação (depois de tantos contratemplos) do hipódromo local. A revista *Vida Mineira* enfatiza o ocorrido, descrevendo:

Quinta-feira passada, foi solenemente entregue á Directoria do Prado Mineiro o bello pavilhão construído [...]. Desde cedo, grande foi o movimento de pessoas que de carro, a cavallo e a pé, demandavam o encantador subúrbio. Á uma e meia da tarde

chegaram ao Prado os Srs. Drs. Francisco Salles, presidente do Estado, João Pinheiro, Antônio Carlos, Delfim Moreira, Olavo de Andrade, Olynto Ribeiro e major Vieira Christo. Àquela hora, as archibancadas estavam já repletas de distintas famílias e cavalheiros. A pista, de forma elíptica, tem de circuito 1054 e de largura 20 metros, estando já completamente explorada e apta para o funcionamento do apreciado sport [...]. (VIDA MINEIRA, 1906, p. 1)

No entanto, mesmo com tantos esforços, as corridas de cavalos pareciam não empolgar demasiadamente a população local. Por ser um esporte reservado à uma esfera diminuta da cidade (a chamada elite ou “escól” social), de difícil acesso e envolvendo altos investimentos financeiros, o turfe não chegaria a ser uma prática duradoura no cotidiano de Belo Horizonte. Ainda assim, nos primeiros anos, o incentivo à participação e frequência ao Prado se destacavam por meio da imprensa. O jornal *Diário de Notícias*, em sua edição de 05 de abril de 1907 reforça o convite à festa esportiva, indicando que “a Directoria do Prado Mineiro tem se esforçado para offerecer à nossa população uma magnífica festa sportiva [...]” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1907, p.2). Esforço que parecia inútil. O mesmo periódico já começava a perceber o quão difícil seria elaborar um discurso de convencimento para que as pessoas comparecessem ao Prado. O jornalista, com tom de aparente desencanto, narra sua impressão:

Quando a, ao meio-dia, chegamos ao Prado Mineiro, tivemos serio desanimo de que não se effectuasse antes de hontem a corrida annunciada. O nosso desânimo começou quando ao tomarmos o bonde para lá, justamente na hora em que o movimento deveria ser maior vimos o carro com muitos logares vazios. Pois os que não foram ás corridas perderam muito e ainda incorrem na falta de não darem vida a uma diversão tão agradável, que nos leva a um sítio pittoresco, que nos dá um ar soberbo a tonificar os pulmões, que nos encanta, como no domingo, com uma festa magnífica, infelizmente realizada para diminuta concurrencia, o que esfria ainda os mais ardentes entusiasmos. [...] Chegou-se a falar no adiamento da corrida, mas a digna directoria, apesar da pequena venda de entradas, não quiz adiar, sujeitando-se, só para servir o público, ao prejuízo (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1907, p.1).

No ano seguinte, as notas esportivas não seriam mais empolgantes. O jornal *O Binóculo* também constatava a falta de ânimo da população belo-horizontina em se deslocar ao Prado Mineiro para prestigiar o turfe. Em nota intitulada “Campeão-Mor” e publicada no dia 31 de maio de 1908, lia-se:

Com a concorrência medíocre, realizou-se domingo último a 3ª corrida do Prado Mineiro, tendo sido muito commentada a indiferença do publico. É triste, é lastimável que a sociedade bellorizontina ainda não comprehendesse a necessidade que há de sancionar com sua presença o esforço dessa meia dúzia de homens de boa vontade, que, num movimento de rara abnegação, resolveram dotar a capital de Minas com um divertimento moderno, agradável, útil em muitos sentidos e que em todo o mundo adquiriu direitos de cidade. Esperamos que a apathia do nosso povo seja transitoria e que ainda cedo possamos dizer: Minas caminha na vanguarda das outras capitais do Brasil (O BINÓCULO,1908, p.10).

A associação da falta de público em um empreendimento dito “moderno” com a notável apatia do povo mineiro construía uma percepção de atraso social em relação a outras cidades/capitais brasileiras. O desejo de um vanguardismo belo-horizontino ficava tão vazio quanto as arquibancadas do Prado. E nada parecia conseguir mudar este cenário. A *Gazeta* também pronunciava seu desalento quanto ao pouco envolvimento da população com as corridas de cavalo:

[...] Ouve-se em toda a parte a cantinela de que não há diversões em Belo Horizonte. Entretanto, o Prado Mineiro esforça-se para dar boas corridas, arranja bondes até a porta, de 10 em 10 minutos, offerece as melhores commodidades no local das corridas, boa banda de musica, optimo restaurant, e por fim manda vir animaes de sangue, para que no Prado compareça meia dúzia de pessoas!! Bello Horizonte já comporta muitas diversões; mas o povo prefere deixar-se ficar em casa, a procurar momentos de distrair o espírito. É um snobismo difficil de combater-se. Em todo caso, aconselhamos a população da capital a sacudir de si este insuportável snobismo, este pá cacete, impicante, e appareça radiante ao Prado, para as excellentes corridas que alli se realizam. O logar é aprazível e commodo, offerecendo uma bella vista, um panorama soberto e uma miração agradabilíssima (A GAZETA, 1908, p.2).

Os discursos da imprensa davam a impressão de serem previamente formatados em unísono, apontando duas perspectivas: uma, de criticar a falta de público no Prado Mineiro, usando da retórica da apatia e do esnobismo do mineiro; e outra, do incentivo e da promoção à frequência ao espaço, com a tentativa de convencimento via apropriação de uma saudável diversão e de um desenvolvimento social sintonizado com os novos tempos.

Fato é que os anos seguintes não vislumbrariam mudanças neste sentido e o Prado caminharia a passos largos para uma frustrante míngua. O ano de 1911 marcou a ocorrência do último páreo, em 25 de junho, encerrando a primeira e curta fase do turfe mineiro.



O fim da *Sociedade Anonyma Prado Mineiro* se daria em 1912, quando da cessão dos bens móveis e imóveis da Sociedade para o Governo de Estado, conforme indica o texto da correspondência do secretário da Agricultura do Estado ao prefeito de Belo Horizonte, datada de 6 de maio de 1912, que expõe o interesse do governo em se apropriar do local. A proposta do Governo foi aceita pela Diretoria do Prado, que oficializou o repasse dos terrenos ao poder público estadual (SOUSA, 1912).

Contudo, o arrefecimento do turfe vinha a *pari passu* com o crescimento de outras práticas esportivas na capital, destacadamente o futebol, que nos primeiros anos da década de 1910 já ocupava destacado espaço no cotidiano da cidade. Algumas notas de jornais dão a dimensão da cooptação do espaço do Prado Mineiro no sentido de abrigar outras experiências ligadas ao *smartismo*³ e ao esporte. Ainda no ano de 1912, um grande número de pessoas acorreria ao Prado para assistir a uma demonstração de aviação. Segundo o *Estado de Minas*, uma verdadeira “multidão” prestigiou o evento, “ansiosa por assistir á estréa do novo aparelho, a que o aviador deu o nome de Bello Horizonte” (ESTADO DE MINAS, 1912, p.1). É fato que o avião sequer saiu do chão, frustrando a massa de sujeitos que ali estava. Todavia, o espetáculo promovido pelo *Yale Athletic Club*⁴ já demonstrava que o espaço do Prado poderia servir a demandas outras, notadamente vivências de lazer ligadas ao campo das festas esportivas.

Mas, realmente, seria o futebol a se apropriar decisivamente da estrutura do Prado. Com suas principais partidas sendo realizadas no Parque Municipal ou nos campos (com pouca estrutura) dos próprios times, o espaço do Prado Mineiro aparecia como solução urgente para este imperativo. Mesmo com jogos esporádicos ocorridos no Prado desde 1909, conforme noticiava o *Diário de Minas* (1909, p.2), a maior parte dos embates futebolísticos se dava mesmo em outros locais. Um exemplo seria a partida amistosa entre o *Sport F. C.* (de Belo Horizonte) e o *Riachuelo F. C.* (do Rio de Janeiro), em que o time da capital mineira

³ Aqueles que, na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e nos comportamentos, eram chamados de *smarts*. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. *Smart* também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser *smart* não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade, tanto nas atitudes tomadas em público, quanto nas opções feitas nas visitas ao alfaiate.

⁴ *Yale Athletic Club* foi fundado em Belo Horizonte no ano de 1910 e visava a promoção e difusão do esporte na cidade, organizando festivais esportivos com o intuito de promoção social e convívio público. Convém lembrar que o futebol se destacava enquanto prática privilegiada, ainda que outras vivências esportivas se situassem como parte integrante do seu rol de atividades.



saiu vencedor pelo score de 4x1, ocorrida no campo do *Sport Club*, nas dependências do Parque Municipal (PENNA, 1997).

A Avenida Paraopeba convergia para si os principais “campos” de futebol da cidade. Estavam nela, além do campo do *Athletico*, os campos do *Yale* e do *America* (os principais clubes da cidade naquele momento). No caso do *Yale*, o clube receberia, em setembro de 1911, a concessão oficial do terreno pela prefeitura, através da Lei n. 53, datada de 30 de setembro (*Idem*).

Todos estes campos, no entanto, ainda não condiziam com a lógica de um “estádio”, com uma estrutura que garantisse ao espetáculo (e ao público assistente) as condições necessárias para concorrer com outras praças esportivas. Com uma maior organicidade e menor efemeridade dos clubes, o futebol exigia novas configurações (dentre elas, a de um local apropriado para a realização dos jogos). Em 1914 foi instituído o campeonato “Taça Bueno Brandão”, disputado entre os primeiros times do *Athletico*, do *Yale* e do *America*. Embora a organização da disputa coubesse aos próprios sócios dos clubes participantes, este torneio se tornou um marco impulsionador para a criação de uma Liga de futebol da cidade. A fundação de uma Liga representativa demonstrava a necessidade de uma outra lógica de organização, de uma nova exigência para gerenciar a ideia do espetáculo. Este campeonato garantiria de vez a apropriação do Prado Mineiro como espaço principal do futebol na cidade.

O Prado seguiria, ao longo da década de 1910, sendo o principal espaço institucionalizado na capital mineira para a prática do futebol, que ganhava cada vez mais destaque no cenário social da cidade. A imprensa destacava a importância do estádio para os belo-horizontinos, boa parte deles já imbuídos do espírito esportivo que os elevava à categoria de *sportman* e *sportwoman*.

No entanto, às portas da década seguinte, o estádio parecia ter se tornado acanhado para as pretensões que a lógica do espetáculo esportivo buscava. Os mecanismos da diversão espetacularizada se desenvolveram rapidamente, sempre visando o público espectador. O transporte público passava a atender uma demanda até então inexistente. Pela relativa e incômoda localização do Prado Mineiro, que era considerado distante do centro urbano e de difícil acessibilidade, ações pontuais intencionavam minimizar esta questão. Em um Festival da Liga Mineira de 1917, anunciava-se: “[...] haverá bondes para o Prado de 5 em 5 minutos” (MINAS GERAES, 1917, p.7). Ou ainda, em 1919, quando do encontro interestadual entre os combinados carioca e mineiro, para o qual “a assistência no importante jogo vai ser colossal,



devendo, portanto, a Liga Mineira tomar providencias para facilidade de locomoção dos assistentes” (MINAS GERAES, 1919, p.7). Nesta perspectiva, é esclarecedor o fato de que:

Isso estava obviamente relacionado com os próprios movimentos de urbanização das cidades. Com a expansão das cidades, o oferecimento de meios de transporte adequados foi uma dimensão importante para garantir o progresso. Da mesma forma que a melhoria do sistema de transportes foi fundamental para o sucesso dos clubes, já que permitia o afluxo da população aos eventos, também as instalações esportivas geraram focos de urbanização ao seu redor. (MELO, 2007 p. 152)

Porém as reclamações aumentavam com o passar do tempo. A nota do periódico *O Foot-Ball*, intitulada “A necessidade de um campo”, afirmava que “entre as questões que reclamam solução urgente nos ‘matches’ de ‘football’ está por sem dúvida, a dos campos”. Ao cobrar a construção de mais campos de futebol, o periódico levava em consideração o fato do ‘Prado’ ser o único, nesta capital, que oferece maiores comodidades aos espectadores”. Acrescentava ainda que “é esta uma questão de alta gravidade e que se impõe como necessidade orgânica do football” (1917, p.1).

Um novo campo de futebol já ecoava como importante e urgente realização, posto que, além da distância, o Prado Mineiro não comportava mais do que 1.500 espectadores sentados. Certamente, o aumento da assistência presente aos jogos significava também um aumento dos lucros advindos das partidas. A maior comodidade do público era também lembrada como uma outra necessidade a ser alcançada. Embora a cobrança do jornal *O Foot-Ball* tenha ocorrido em 1917, a Revista *Tank* retomava o assunto, obviamente não solucionado em 1919, data da publicação. Nela, um trecho do artigo intitulado “A Liga Mineira” apontava:

Para esses tempos aureos, já se taçam no papel os castellos das futuras archibancadas e demais dependencias, á semelhança das que enfeitam as adjacencias dos rectangulos desportivos do Rio. Uma cousa, porém desde já ficou assentada: a mudança do campo da Liga para o terreno do Parque onde outr’ora existiu o campo do finado Sports Hygienicos. Acabou-se o martyrio da poeira do Calafate que o nariz bello-horizontino supportava a custo e o maldito acotovelamento dos bondes cheios, que eram os desmancha-prazeres da brigada marmanja dos torcedores e da cohorte louçã das torcedoras gentis (1919, p. 18).

O Prado seguiria sendo o principal palco do futebol mineiro até o ano de 1923, quando o América F.C. inaugura o seu estádio, mais apropriado às novas exigências (de público e de infraestrutura), do universo futebolístico citadino.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um lugar, por si só, representa um conjunto de valores e interesses situados para além do concreto. Assim, a ordenação espacial de uma cidade atende a uma série de intenções (ora sutis, ora explícitas), de adequação e pertencimentos dos sujeitos que ali habitam.

Nesta perspectiva, as práticas de divertimento, situadas no tempo disponível das pessoas, alcançam significativa importância, pois se tornariam também um emblema de distinção e sensibilidade à um novo tempo. O cinema e os esportes são características fundantes deste momento. No caso particular do esporte, duas vivências se tornariam centrais no começo do século XX: o turfe e o futebol.

Desprovida de um espaço adequado para estas práticas, logo a cidade se apercebe de tal necessidade, e a construção de um palco (hipódromo/estádio) começa a se forjar. Nesta investigação, percebemos como o soerguimento do Prado Mineiro tece profundos laços com todo o contexto à época. Passando pela política e economia, infraestrutura urbana e mobilidade, lazer e comportamento social, a emersão do estádio no cenário e no cotidiano da cidade impacta e é impactado por toda uma dinâmica que o produz.

Assim, vimos como fundamental a compreensão deste processo para a constituição de debates mais qualificados sobre a constituição do lazer em Belo Horizonte, bem como o desenvolvimento de uma cultura esportiva local. A partir das fontes e do direcionamento do nosso olhar, outras prospecções investigativas podem (e devem) contribuir para o avançar desta compreensão, e subsidiar outros e novos estudos.

PRADO MINEIRO: THE TURF FOOTBALL - THE FORGING OF A SPORTS FUN SPACE (1904-1920)

ABSTRACT

This study was interested in analyzing the construction of the first stage of Belo Horizonte: Prado Mineiro. The methodology focused on periodic sources, notably the newspapers printed the time that reverberated daily life of the state capital. It was found the occurrence of a characteristic movement, that is, the attempt to establish a mindset attuned to the air of modernity. One of the strategies to achieve this project was by discourse and practice of sport, as a new possibility of being and being in the city. In this sense, the occurrence of turf draws on its orbit, a number of spatial changes. The main one would be the construction of a consistent racetrack with European standards and the Federal Capital.

KEYWORDS: Fun; Sport; Space;

PRADO MINEIRO : DEL FÚTBOL AL CÉSPED - LA FORJA DE UN ESPACIO DE DIVERSIÓN DEPORTIVA (1904-1920)

RESUMEN

Este estudio estaba interesado en el análisis de la construcción de la primera etapa de Belo Horizonte, Prado Mineiro. La metodología se centró en fuentes periódicas, especialmente los periódicos impreso el tiempo que reverberó vida cotidiana de la capital del estado. Se constató la ocurrencia de un movimiento característico, es decir, el intento de establecer un modo de pensar en sintonía con el aire de modernidad . Una de las estrategias para lograr este proyecto fue por el discurso y la práctica del deporte, como una nueva posibilidad de ser y de estar en la ciudad. En este sentido, la ocurrencia de césped se basa en su órbita, una serie de cambios espaciales. La principal de ellas sería la construcción de una pista de carreras en consonancia con las normas europeas y la Capital Federal.

PALABRAS CLAVES: Diversión; Deporte; Espacio;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A EPOCHA. Belo Horizonte, p.3. 28 agost. 1904.

A GAZETA. Belo Horizonte, p.2. 7 mai. 1908.

BARRETO, Abílio. Esportes 1904-1937. [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. APPi 7/061 cx. 36. Manuscrito.

CARVALHO, J. M. Ouro, terra e ferro: vozes de Minas. In: GOMES, A.C (org.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Relatório de 1899/1902, 1902, p.55-56.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Termo de contrato feito entre a Prefeitura de Belo Horizonte e a Sociedade Anônima Prado Mineiro, para a construção, uso e gozo de um prado de corridas nesta capital*. 10 jan.1905. Documento B preservado na pasta n. 31, da Divisão de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

DERBY Horizontino. *Diario de Minas*, Bello Horizonte, p. 1, 26 maio 1902.

DIARIO de Minas. Belo Horizonte, p.2. 13 set. 1909.

DIÁRIO de Notícias. Belo Horizonte, p.2. 05 abr. 1907.



DIÁRIO de Notícias. Belo Horizonte, p.1. 21 mai. 1907.

ESTATUTOS da Sociedade... Minas Geraes, Belo Horizonte, p.6. 1904.

ESTADO DE MINAS, 1906, p. 2.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p.1. 11 jun. 1912.

FOLHA PEQUENA, Belo Horizonte, p.1. 25 nov. 1904.

MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, p.7. 11 fev. 1917. Seção Festas e diversões (Sports).

MINAS Geraes. Belo Horizonte, p.7. 09 ago. 1919. Seção Sports.

O BINÓCULO. Belo Horizonte, p.10. 31 mai. 1908.

O FOOT-BALL. Belo Horizonte, p.1, 13 set. 1917.

O REBATE. Belo Horizonte, p.1. 1906.

PENNA, Octavio. *Notas cronológicas de Belo Horizonte (1711-1930)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997, p. 114.

PRADO Mineiro. O Estado de Minas, p.2. 11 mar. 1906.

RODRIGUES, Marilita Aparecida. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006). 240 f. Tese (Doutorado em História) Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SOUSA, José Gonçalves de. *Carta do Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais, endereçada ao Prefeito da capital, em 22 outubro de 1912, comunicando o aceite da proposta pela Sociedade Anonyma Prado Mineiro*. Documento B, preservado na pasta n. 31, da Divisão de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1912.

TANK. Belo Horizonte, anno I, n. 1, 01.01.1919.

TURF Horizontino. Diário de Minas. Belo Horizonte, p.1. 8 de maio. 1902.

VIDA MINEIRA. Belo Horizonte. p. 1, 5 maio 1906. (Nota sem título).